

**POETISA LEODEGÁRIA DE JESUS, A PIONEIRA FEMININA DA POESIA
GOIANA: UMA MULHER POÉTICA E RELIGIOSA****POETISA LEODEGÁRIA DE JESUS, THE FEMALE PIONEER OF GOIANA
POETRY: A POETICAL AND RELIGIOUS WOMAN**

Cosme Juarez Moreira Streglio

Mestre em Letras pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC-GO)

cosmefilosofia@gmail.com

54

Resumo: A proposta desta pesquisa tem como base a compreensão da formação poética de Leodegária de Jesus, bem como sua tentativa de construção dos primeiros versos com o apoio da família e a publicação das duas obras: Coroa de lírios e Orquídeas. Esta pesquisa também analisa como o eu lírico, nestas duas obras, desenvolve os passos poéticos tendo a idealização referente ao amor, passando pelos caminhos do devaneio e, ao mesmo tempo, tendo a ideia da fuga do sofrimento amoroso por meio da criação poética. A poetisa Leodegária marca a ruptura de um período histórico em Goiás em que não havia ainda um público feminino no âmbito literário e com esta poetisa abra-se a porta para o mundo poético em Goiás.

Palavras-chave: Literatura. Poesia. Leodegária.

Abstract: The purpose of this research is based on the understanding of Leodegária de Jesus' poetic formation, as well as her attempt to build the first verses with the support of her family and the publication of two works: Coroa de lírios and Orquídeas. This research also analyzes how the lyrical self, in these two works, develops the poetic steps having the idealization referring to love, passing through the paths of daydream and, at the same time, having the idea of the escape from love suffering through poetic creation. The poet Leodegária marks the rupture of a historical period in Goiás in which there was still no female audience in the literary field and with this poet the door to the poetic world in Goiás is opened.

Keywords: Literature. Poetry. Leodegaria.

Considerações iniciais

*“Não sabes o quanto dói Uma lembrança que rói A fibra que
adormeceu? Foi neste vale que amei Que a primavera sonhei
Aqui minha alma viveu”* Álvares de Azevedo.

A poetisa Leodegária de Jesus é a primeira mulher goiana e negra a ter um livro de poesia a ser publicado em Goiás com o título: “Coroa de Lírios” publicado em 1906. Seu estilo de escrita segue ao modelo romântico com inspirações aos poéticos como Álvares de Azevedo, em que a jovem poetisa demonstra em vários de seus

Building the way

poemas a desilusão amorosa, ou um pessimismo amoroso provocado pelo destino da vida como atestam os biográficos da presente poetisa: Darcy França e Basileu França.

Porém, além da desilusão amorosa de um amor não correspondido que causa dor como diz o poeta Álvares de Azevedo: “*Não sabes o quanto dói Uma lembrança que rói A fibra que adormeceu?*”, a poetisa não se prende ao mundo das amarguras mas sim sabe construir versos poéticos em que as dores amorosas são transformadas em versos religiosos num período de maturidade de poetisa. Eis aí a poetisa Leodegária de Jesus, pioneira feminina goiana que vence as barreiras históricas em que as mulheres não tinham voz e vez e jovem poetisa quebra uma tradição e brindam os goianos com uma obra de versos românticos: “Coroa de Lírios”

Metodologia

O aspecto metodológico a ser adotado nesta presente pesquisa é mediante dados biográficos pesquisado através de leituras de autores como: Darcy França Denófrio, José Fernandes, Basileu França, Gilberto Mendonça Teles. Também será informado neste estudo sobre a formação poética de Leodegária, sua inspiração em poetas como: Cassimiro de Abreu e Álvares de Azevedo. Uma poetisa marcada por uma dualidade de sonhos e sofrimentos/ esperanças e desilusões amorosas bem como uma mulher marcada pela fé católica com poemas dedicados a Virgem Maria. De modo específico ao analisar os poemas dedicados a Mãe de Cristo, mostraremos a harmonia que há entre sete poemas que se interligam com a figura materna da própria poetisa e seu afeto a mãe do redentor. O trabalho será dividido em: dados biográficos, aspectos da formação poéticos e religiosos.

Dados biográficos de Leodegária

A poesia é o caminho que permite chegar ao encontro da intocável, da arte da palavra e da imaginação. Para percorrer os caminhos da poesia é necessário que o poeta faça um mergulho no ser da linguagem, pois como explica Heidegger (2005, p.27), a linguagem é a morada do ser. Sendo assim, abordaremos sobre uma poetisa que deste a juventude traz em seu coração a facilidade em lidar com as palavras mesmo que não tenha o domínio das regras poéticas quando muito jovem.

Building the way

De acordo com Basileu França (1996), Leodegária de Jesus nasceu em Caldas Novas no dia 8 de agosto de 1889 e faleceu em Belo Horizonte no dia 12 de julho de 1978 na casa onde morava. Segundo Basileu França (1996), a poetisa tinha duas irmãs: Zenóbia e Maria Aurora. Darcy Denófrio (2001) explica que em 1903, Leodegária Brazília de Jesus pretendia-se a submeter aos exames para ingressar no Liceu de Goiás, mas foi negada. Havia nesta questão, impasses políticos com o seu pai. França (1996) traz informação de que a poetisa começou a ler na escolinha de Jataí, descobrindo as primeiras letras por meio da Sagrada Escritura. Outro aspecto muito importante que traz Basileu Toletto França é que a poetisa teve uma educação exemplar em casa pelos seus pais. A casa da poetisa era um lugar de aprendizagem.

De acordo com França (1996, p. 25), Leodegária aprendeu os primeiros rudimentos da leitura pelo método de pergunta e resposta com a ajuda da sua mãe através de uma história sagrada. Comenta que, por volta de 1912, a família da jovem poetisa mudou-se para Catalão devido às dificuldades econômicas enfrentadas na antiga Vila Boa e, também, devido ao glaucoma sofrido pelo professor José Antônio de Jesus. Neste mesmo período, a poetisa rejeitou três pedidos de casamento. Quatro anos mais tarde, foram de mudança para Araguari, onde permaneceram cerca de dois anos devido à saúde fragilizada de José Antônio e às constantes dificuldades financeiras. Em 1918, a família transferiu-se para São Pedro de Uberabinha, onde, algum tempo depois. O pai de Leodegária faleceu após muito sofrimento, no dia 12 de dezembro de 1920.

O sonho de Leodegária de Jesus de estudar no Liceu de Goiânia era muito grande, todavia foi algo muito difícil e um dos motivos foram conflitos políticos que seu pai enfrentou. Darcy França argumenta porque depois de ser examinado por uma banca do Rio de Janeiro, o resultado apareceu só seis anos depois. O resultado só veio como explica Denófrio (2001) quando a poetisa Leodegária de Jesus resolve se mudar para Catalão, neste lapso de tempo acabou por fazer o curso normal tornando se professora, seguindo a carreira do seu pai José Antonio de Jesus.

Passos poéticos

A poetisa Leodegária de Jesus já demonstrou interesse pelas palavras aos três anos de idade, aprendendo as primeiras lições em casa e assimilando as

Building the way

57 primeiras sílabas. Na infância, a poetisa já tinha um olhar para o mundo da Literatura. Conforme França (1996, p. 28), um aspecto fundamental na obra de Leodegária foi sua formação poética. Seu pai foi o grande incentivador. Uma prova registrada desse apoio paterno encontra-se numa carta escrita pela poetisa, na qual estão registrados seus primeiros versos e sonetos, que foram publicados em Goiás por insistência de Augusto Rios. A poetisa sempre revelou gosto pelo soneto e essa forma foi utilizada na maioria dos poemas de Coroa de lírios e Orquídeas. Mesmo com as críticas recebidas, a jovem Leodegária não desistiu e houve aqueles que lhe oferecem muitos elogios referente ao seu dom de poetisa.

Para relatar sobre a poetisa Leodegária de Jesus, será necessário compreender que a sua poética está voltado para o tema amor tanto na esfera de idealização como também numa esfera de sofrimento. Dessa forma, em Coroa de Lírios, o tema amor é abordado por Leodegária traz uma dinâmica entre o ser ideológico / amor perfeito e o ser real / sofrimento essa antítese entre o ideal e o real é uma idealização platônica como relata Hugo Friedrich (1978). O poeta não está voltado para o real e sim para o irreal e a função do poeta é imaginar e criar tendo o foco ideal de um amor sublime e puro.

O Livro Coroa de Lírios é o primeiro a ser publicado em Goiás em 1906 por uma mulher, ele está organizado da seguinte forma: Um prefácio feito por Felício Buarte, Aos Patrícios (termo utilizado pela poetisa para falar do motivo da escrita do seu livro) Paisagem, Mater, Símile, Ninho vazio, Maio, Osculo materno, Chromo, Jatahy, Setembro, Triste Viver, Estâncias.

A primeira publicação do livro foi feita em Campinas (SP). (DENÓFRIO, 2001) Basíleu França (1996) relata que Leodegária de Jesus foi muito influenciada pelo seu pai José Antônio de Jesus na publicação do primeiro livro: Coroa de Lírios. No prefácio da obra Cora Lírios, Felício Duarte apresenta a trajetória poética de Leodegária, afirmando que a poetisa apresenta um futuro promissor dentro da Literatura e que as críticas serão importantes para o seu crescimento intelectual.

O desenvolvimento intelectual em Leodegária é percebido de imediato até pelos críticos que mesmo com poucos conhecimentos teóricos da poesia a mesma utiliza com simplicidade e beleza as palavras, houve aqueles como Gastão de Deus que apresentou severas críticas a poetisa, mas ao mesmo tempo acreditava que a jovem Leodegária se tornaria uma poetisa no estado de Goiás. França (1996).

Passos poéticos e religiosos

A poetisa Leodegária deste muito jovem já aprendeu as orações em latim e recitava as orações católicas e há alguns poemas dedicados a Virgem Maria e Jesus Cristo que estão no livro “Orquídeas” e, de acordo com Denófrio (2001), são considerados os poemas a Virgem Maria como poemas inéditos. Apresentaremos primeiramente a análise do poema “Ave-Maria”

Descamba a tarde. Por detrás do monte,
Vai-se escondendo lentamente o sol;
Enquanto a longa curva do horizonte
Colora, de carmim, lindo arrebol.

Serena, desce a noite com tristeza,
Aos corações trazendo atroz saudade.
Como és sublime e bella, ó natureza,
Imersa nesta imensa soledade!

Cicia, mansa, a brisa, no silvedo,
E dulcida desprende uma harmonia
Da buliçosa coma do arvoredado.

Morre, na selva,
o canto da avezinha.
Suspira triste o sino: - Ave Maria, Além, na velha torre da igreja.

(DE JESUS, 1906, p.71-72).

A natureza no poema “Ave Maria” é dinâmica, proclamada como bela e, ao mesmo tempo, manifesta angústia e solidão. Com isso, adquire o aspecto de personificação no momento em que o eu lírico lhe transfere o sentimento de tristeza e dor durante a criação poética como se percebe nestes versos: “Serena desce a noite com tristeza / Aos corações trazendo atroz saudades / Como és sublime e bela, ó natureza / Imersa nesta imensa soledade”.

Ao mesmo tempo em que há os corações com atroz saudade como personificação do sofrimento e da angústia, existe a ideia da personificação da natureza como imagem idealizada no poema “Ave-Maria”. Assim sendo, os versos: “Como és sublime e bela, ó natureza/ Imersa nesta imensa soledade”, o eu lírico passa a idealizar a natureza como perfeita e ideal como se fosse um lugar sagrado. Assim sendo, a imagem que se cria em relação à natureza ora como prosopopeia das

Building the way

angústias humanas é elevá-la como se fosse o mundo ideal, o eu lírico passa a contemplar o hino triste da igreja, o hino que é escutado na “velha torre da igreja: o Ave-Maria”.

Dessa forma, há o aspecto harmonioso e místico que se estabelece entre a natureza e a igreja quando o eu lírico expressa que há o suspiro triste do sino: Ave Maria. Com isso, a natureza e a igreja tornam-se sagradas e místicas, pois interagem com o sentimento poético do eu lírico como se percebe nestes versos do poema “Ave-Maria”: “Morre, na selva, o canto da avezinha / Suspira triste o sino: -Ave Maria / Além, na velha torre da Igreja.”

Ao voltar o olhar para a “torre da velha igreja” e escutar o canto da avezinha e o hino da Ave-Maria, o eu lírico se distancia do real, contempla o lugar sagrado, a beleza da natureza e recorda as velhas lembranças da juventude com eterna saudade.

O poema a seguir “A Virgem Maria” é um dos poemas que não está em nenhum dos livros “Coroa de Lírios” e “Orquídeas” sendo considerado como uma das coletâneas de “Inéditos” sendo um dos últimos versos escritos pela poetisa.

A Virgem Maria

Ó Maria, sorriso do Eterno,
Obra prima de Deus Criador!
É teu seio de Mãe doce e terno
Um tesouro infinito de amor.

Foste feita a mais pura e formosa
Dentre todas as filhas de Adão;
Destinada à missão gloriosa
Mãe de Deus na feliz Conceição.

Foste tu, ó esplêndida Aurora,
Do bom Deus o primeiro sacrário!
És, também, nossa Mãe
e Senhora Que Jesus nos legou, no Calvário.

(DE JESUS, 2001. p. 287)

Neste poema, aparecem as seguintes características referentes a Maria: “Virgem”, “Obra prima do Deus Criador”, “Mãe”, “Conceição”, “Pura e Formosa”, expressões que revelam a aproximação do eu lírico em relação ao sagrado como pode

Building the way

ser percebido nestes versos: “Foste tu, ó esplendida Aurora, / Do bom Deus o primeiro sacrário! / És, também, nossa Mãe e Senhora / Que Jesus nos legou, no calvário”.

Neste sentido, Lurker (2003, p. 33) explica que Maria, na qualidade de mãe de Deus encarnado é, na realidade, mãe de Deus, como afirma o concílio de Éfeso. Como tal, destaca-se em sua unicidade e grandeza exclusiva da multidão do novo povo de Deus e torna-se digna de todos os louvores (Lc1,42-48). Ao mesmo tempo, é também um ser humano como nós, viveu peregrina e que, graças à misericórdia divina, pôde em sua vida pôr em prática de forma perfeita aquilo que denominamos fé, esperança e obediência.

O eu poético manifesta uma aproximação com a realidade mística quando utiliza as expressões: “Ó Maria, sorriso do Eterno, / Obra prima de Deus criador. É teu seio de Mãe doce e terno”. Diante dessa realidade, o eu lírico revela um sentimento místico que vai de encontro com que explica Gilbert Durand (2001, p. 42): “a constituição do eufemismo frente ao sofrimento, a ideia de aconchego, envolvimento e ligação às imagens familiares e aconchegantes”.

Na segunda estrofe do poema, “A virgem Maria”, há também uma revelação do eu lírico quanto à estrutura mística no seguinte verso: “Destinada à missão gloriosa, -Mãe de Deus na feliz Conceição”. Mediante tal expressão, o eu poético revela uma realidade que pode ser compreendida como proteção e aconchego, por meio da ideia: Mãe e Conceição.

Segundo Nicola Abbagnano (1998, p. 29), o termo concepção, vindo do latim, designa o ato de conceber no qual o objeto concebido é, de preferência, o ato de conceber. Tal conceito é simbolizado para a nossa imaginação revestido de uma concepção privada e pessoal, que só pode se distinguir por um processo de abstração pública e comunicável. O eu lírico, diante de uma realidade poética, expõe uma abertura para o caminho místico diante dos termos: “mãe e concepção”. A palavra concepção refere-se ao ato de conceber e ao ato de gerar a vida. No poema “À Virgem Maria”, o eu poético tem o ato de gerar o poema, por meio da imagem mística de Maria.

Os poemas “À Virgem Maria” e “Ave Maria” revelam o amor que tem para com a imagem referente à Virgem Maria e a ideia mística, por sua vez, é a aproximação que o eu lírico estabelece com a imagem sagrada, como é visível perceber nestes versos: “Foste tu, ó esplêndida Aurora / Do Bom Deus a primeiro

Building the way

sacrário / És, também, nossa Mãe e Senhora / Que Jesus nos legou no Calvário”. Assim, Octávio Paz (1982, p. 142) afirma que o ato poético passa para a zona do sagrado, sendo possível afirmar que os dois poemas apresentam o eu lírico de Leodegária que transpõe para uma concepção entre a linguagem poética e mística.

O poema “Ave Maria” é dinâmico e harmonioso havendo, assim, a relação entre a linguagem poética e mística como se pode perceber por meio destas expressões: “estrela matutina”, “mãe dos pecadores”, “lírio de pureza” referem-se a Maria. O eu lírico ao expressar: “Ave Maria! Estrela matutina; / Luz que ilumina, nesta luta insana” demonstra que Maria é quem ilumina a vida e, por isso, é mãe dos pecadores como está nestes versos: “Ave 69 Maria! O Mãe dos pescadores, / Nas grandes dores que esta vida encerra / És o sorriso que alivia o pranto/ Orvalho santo bem fazendo a terra” (p. 289).

Em cada estrofe há a invocação da expressão “Ave Maria”, de modo particular, na terceira estrofe, a Ave Maria é o lírio de pureza, ou seja, Maria é pura e imaculada e sua beleza irradia-se ao grato coração e, com isso, esse poema se torna uma oração em que o eu lírico proclama: “Do teu nome, tão grato ao coração / Desta oração divina Ave-Maria”.

De acordo com Paz (1982, p. 142), o mundo do divino não cessa de nos fascinar, porque, mais além da curiosidade intelectual, há no homem moderno uma nostalgia. A voga dos estudos sobre os mitos e as instituições mágicas e religiosas têm as mesmas raízes que outros interesses contemporâneos, como a arte primitiva.

O poema “Maria” traz a ideia da antítese por meio das expressões: luz e escuridão que estão nestes versos: “É luz do céu, scintila carinhosa, / Que do infortúnio a escuridão devassa”. Aqui, o eu lírico se refere a Maria como sendo “a luz do céu” e também como “o sol que ilumina a via dolorosa”. Há, dessa forma, a idealização referente à Maria como sendo luz do céu e, do outro lado, a imagem de uma escuridão que é devastada pela luz carinhosa da Virgem Maria que cintila.

Por ser Maria a luz do céu” / “que do infortúnio a escuridão devassa”, há a ideia da antítese que o eu lírico traz: de um lado, se refere à luz, simbolizando clareza e inspiração poética e, do outro, escuridão, representando a dor, o sofrimento, o martírio amoroso e as angústias da vida. Segundo Durand (2011, p. 43), o mundo imaginário está composto por uma dualidade que pode ser demonstrada pelo estudo do regime diurno e noturno como se o ser não existisse porque existe o outro, assim

Building the way

como o bem. Portanto, há duas fases em tudo que existe e o ser também constituiu essa dualidade.

O poema “Creio em Ti” (1928, p. 72) é dinâmico já que nele está presente o aspecto da dualidade, pois o eu lírico exclama: Oh! perdoa! mas duvido/ De tua imensa bondade. / Penso que é tudo fingido... / penso que tudo é maldade”. Dessa forma, a bondade torna-se o não ser da maldade e, por isso, é declarado no poema: “Penso que tudo é maldade”. Assim, a bondade passa a não existir e, por isso, o eu lírico expressa: “Que me tens amor perfeito / Eu quisera acreditar, / Mas tenho o grande defeito / De sempre desconfiar”. Há, portanto, a desconfiança em relação ao amor perfeito e a bondade pois estes não existem. Sendo assim, o não ser e a maldade que passam a existir e tornam-se ser. Assim sendo, surge a contrariedade entre os termos: bondade/maldade e acreditar/desconfiar que pode ser compreendida numa dimensão filosófica do ser e não ser.

As imagens como: “Mãe”, “Maria” e “Ave Maria” que fazem parte da poética de Leodegária faz com que sete poemas entre eles: “Mater”, “Maio”, “Ósculo Materno”, “A Minha Mãe”, “À Virgem Maria”, “Regina Coeli” e “Ave Maria”, estejam interligados nos aspectos em que o eu lírico se refere ao amor maternal de carinho e afeto e, ao mesmo tempo, essa expressão de carinho seja manifestada para com a Virgem Maria. Desta forma, existe a junção do 3+4 em que três poemas falam do amor maternal como: “Mater”, “A Minha Mãe” e “Ósculo Materno” e quatro expressam o amor de respeito para com Maria, tais como: “Maio”, “A Virgem Maria”, “Regina Coeli”, e “Ave Maria”.

O número sete está presente na poética de Leodegária, pois existem sete poemas em que o eu lírico constrói a imagem de uma natureza idealizada e do amor como imagem feliz. Da mesma forma, aparecem sete poemas como: “Mater”, “Maio”, “Ósculo Materno”, “A Minha Mãe”, “À Virgem Maria” e “Regina Coeli” e “Ave Maria” que expressam o amor maternal e, ao mesmo tempo, o afeto e o carinho que o eu lírico expressa para com a Virgem Maria. Essa ideia da criação poética, tendo a imagem de uma natureza perfeita, o amor idealizado e o afeto para com a Virgem Maria, que estão em sete poemas permite compreender o que propõem Chevalier e Gheerbrant: (1990) “Sete designa a ordem e a dinâmica principalmente quando se refere ao aspecto espiritual em que de modo particular sétimo dia bíblico representa o

Building the way

sentido místico. Neste dia, Deus descansou da criação significando a restauração das forças divinas e a contemplação da obra consumada”

Essa unidade dos sete poemas permite compreender que o arquétipo esteja presente na poética de Leodegária. Com isso, o arquétipo é o que liga a ideia de um símbolo a outro símbolo “e de um poema ao outro poema” e que, ao mesmo tempo, ajuda a integrar a experiência literária dos poemas encontrados tanto em Coroa de Lírios quanto em Orquídeas.

63

Considerações finais

Leodegária de Jesus deu abertura para o caminho da lírica poética em Goiás ao escrever a primeira obra Coroa de Lírios por volta de 1906, seguindo o Romantismo tanto da primeira como da segunda geração tornando-se uma neorromântica, mas não deixa a sua poética ficar na monotonia dos versos mortos, mas, sim, a poetisa coloca dinâmica e vida entre os contratempos da existência ao dizer: “Quando nossa alma não padece dores, / Morrer é triste! Como é linda a vida! / Si nos é dado o cálix da incerteza, / Viver é triste! Como é doce a morte!” Por ser a primeira a publicar um livro de versos poéticos bem no início da juventude, Leodegária abre as portas para a poesia feminina, um grande avanço para a literatura goiana.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. Trad. Alfredo Bosi. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

AZEVEDO, Álvares de. *Lira dos vinte anos*. São Paulo: Editora Escala 2008.

BACHELARD, Gaston. *A poética do devaneio*. Trad. Antônio Dumesil. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

CHEVALIER GHEERBRANT, Dicionário de símbolos, 1990, p 942

DENÓFRIO, Darcy França. Lavra dos Goiazes: Leodegária de Jesus. Goiânia: Cânone Editorial, 2001. Prêmio Colemar Natal e Silva de Crítica Literária, 2003, da Academia Goiana de Letras. Medalha Leodegária de Jesus, 2001, da UBE-RJ.

DURAND, Gilbert. O imaginário. Tradução René Eve Levié. Rio Janeiro: Difel, 5ª edição, 2011

FRANÇA, Basileu. *Poetisa. Leodegária de Jesus*. Goiânia: Kelps.1996.

Building the way

FRIEDRICH, Hugo. *A Estrutura da Lírica Moderna*. São Paulo, Duas Cidades, 1978.

LURKER, Manfred. *Dicionário de Simbologia*. São Paulo: Martins fontes, 2003.

JESUS, Leodegária de. *Coroa de Lírios*. Campinas: Editora Livro Azul, 1906.

_____. *Orquídeas*. São Paulo: Editora Ave Maria, 1928.

PAZ, Octávio. *O Arco e a Lyra*. 2. ed. Trad. de Olga Savary. Editora Nova Fronteira, 1982.